



O Conto do Caraca: a Narrativa Contada Através da Tradição Oral Popular¹

João Carlos BENTO²

Ana Paula ARAÚJO³

Andressa CAVALCANTE⁴

Larissa VASCONCELOS⁵

Nonato LIMA⁶

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O Conto do Caraca é um radiodrama baseado na narrativa vaticiniosa ambientada no interior do Ceará, no início do século XX, contada ainda nos dias de hoje. Ela traz um cenário apocalíptico que daria sinais de sua proximidade pela profecia de Frei Vidal da Penha. O personagem-título, o Caraca, seria mais um dos sinais do fim dos tempos, encarnando a figura antitética do poder divino na figura de um Dragão de Fogo. A história ilustra a importância que tem a atividade em questão, a do contar-histórias, para a tradição, a memória, a religiosidade e a cultura oral.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Popular; Memória; Narrativas; Oralidade; Tradição.

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias é quase tão antigo quanto os homens. Ao longo das eras, se desenvolveu de formas diferentes nas mais variadas culturas e com as mais diversas funções. No nordeste do Brasil, essa atividade tem função tanto informativa quanto cultural, fundamentalmente consonante com a tradição oral.

Produção resultante da cadeira de Radiojornalismo I do curso de Comunicação Social – Jornalismo – da Universidade Federal do Ceará, ministrada pelo professor Nonato Lima, *O Conto do Caraca* é uma peça radiofônica que se propõe a refletir sobre as interseções entre o imaginário popular e os aspectos subjetivos de um indivíduo, traçando paralelos entre o hoje e o ontem através de uma narrativa construída a partir de suas memórias.

A história remete ao misticismo da população do interior do Ceará e à necessidade dos seres humanos de prever o futuro. Mais que isso: revela em seu desenvolvimento uma

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo opinativo – Editorial, Comentário, Artigo, Coluna, Resenha, Crônica, Caricatura (avulso apresentado em qualquer suporte).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: joaocarlosbentofilho@gmail.com.

³ Estudante do 5º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. E-mail: aplda@hotmail.com.

⁴ Estudante do curso de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo. E-mail: andcavfer@yahoo.com.br.

⁵ Estudante do 5º semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, e-mail: emquasetudo@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho e Professor do curso de Comunicação Social da UFC. E-mail: nonatolima@uol.com.br



perspectiva histórica pouco explorada, considerando as manifestações culturais de um povo como reflexo da realidade sociopolítica em que surgem. Ao narrar essa história, se promove o resgate e a valorização da oralidade e da tradição popular. Ao escolher-se o rádio como suporte, contempla-se um maior número de pessoas, contribuindo para perpetuar no Tempo o conto que, de tão subjetivo, termina por pertencer a quem o escute.

2 OBJETIVO

Movidos pelo interesse de desenvolver uma pesquisa que tratasse de narrativas ficcionais transmitidas por meio da oralidade, o que se evidenciaria satisfatoriamente em meio radiofônico, deparamo-nos com uma história que fora contada a um dos antigos componentes da equipe por sua avó, D. Maria Matos. Tratava-se de um conto fantástico, transmitido de geração em geração dentro daquela família e que havia se tornado um dos fatores preponderantes para os deslocamentos que ela realizara nos últimos anos.

Junto a isso, buscamos entender o processo de elaboração das lendas sertanejas, procurando aproximarmo-nos de seu estilo para recriar, em radiodrama, *O Conto do Caraca*. Para esse fim, levamos em consideração as características linguísticas, as crenças e a religiosidade popular e a veiculação dessa peça para pessoas inseridas no contexto urbano da cidade de Fortaleza, uma vez que ela iria ao ar através da Rádio Universitária FM.

Discutir como os conceitos de oralidade, memória e cultura popular se entrelaçam nessas narrativas e como sua relação pode ser estabelecida através do rádio tornou-se o norte de nossa produção.

3 JUSTIFICATIVA

Sensível à importância de exaltar a cultura do interior nordestino pela vasta abrangência dos significados que ela apresenta, *O Conto do Caraca* recria a ambiência em que os “causos” interioranos são criados e difundidos. Observa-se fundamental influência na construção dos sujeitos oriundos dessa ambiência no tocante às diversas facetas dos costumes, sejam eles linguagem, crença ou rituais.

No fenômeno em voga, há riqueza do processo comunicativo, pois que no estudo das diversas etapas de referido processo, ainda que dentro do recorte apresentado, nota-se um grande número de nuances interessantes a serem abordadas. Por exemplo: o contexto em que essas histórias são criadas, como elas sobrevivem ao tempo – ainda que não tenham registro material –, como elas influenciam nos ritos e crenças locais, como se popularizou

esse costume de contar histórias e qual a importância delas na esfera informativa, o que dialoga com outros processos como a literatura de cordel.

Assim, obtivemos um recorte interessante que se faz preciso do ponto de vista social, em que as características tanto do objeto quanto do suporte em que ele se apresenta, no caso o rádio, têm sua função para o estudo dessas questões.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A cadeira de Radiojornalismo I do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará, ministrada no segundo semestre do ano de 2009 pelo Prof. Nonato Lima – diretor da Rádio Universitária FM –, exigiu de seus alunos a realização de trabalhos radiofônicos nas seguintes categorias: documentário, reportagem especial e radiodrama. A equipe optou por produzir um radiodrama.

Na decisão de qual seria o nosso tema, ficou claro o interesse pelo fenômeno do “contar histórias”. Inicialmente foi pensado de explorar histórias, a princípio anônimas, do bairro do Benfica, conhecido como pólo cultural de Fortaleza, Ceará. Na discussão do tema surgiram ainda as idéias do contador de histórias sertanejo, num paralelo com as histórias de conto de fadas. Inclusive houve a possibilidade de apresentar o trabalho baseado nos contos de fadas antes da infantilização, ou seja, das histórias medievais que, posteriormente, tomariam conta dos livros infantis.

Decidiu-se, por fim, produzir uma história profética contada pela avó de uma das integrantes da equipe: o chamado *Conto do Caraca*. Segundo D. Maria Matos, o mundo teria fim quando supostamente as águas do mar invadissem Fortaleza e chegassem à altura da Igreja Sé, que, à época do surgimento da história, ainda estava em construção. A profecia teria sido difundida no interior por conta das pregações de Frei Vidal da Penha, um religioso de origem italiana. O frei alertou, inclusive, para um dragão de fogo, saído do seu túmulo - em Canindé, interior do Estado - que aterrorizaria a população, num cenário apocalíptico.

O fato de esse realismo fantástico resgatar a criação das lendas, a memória e difusão das histórias – o principal pilar da cultura oral – a linguagem característica e a apreciação dos “causos” a partir da ótica sertaneja solidificaram a decisão por contar esse enredo.

Para tanto, era preciso criar o ambiente do contador da história e do ouvinte dela. A solução foi se valer da personagem da avó, Dona Maria Matos, nas três fases do conto. Na

primeira e segunda fase, a avó se apresenta menina e ouvinte da história contada por quem a vivenciou em maior ou menor grau. Na terceira fase, há uma passagem no tempo e a antes ouvinte – a menina Maria Matos – torna-se reprodutora do conto nos tempos atuais, já idosa. Há, nessa estrutura, a busca de tentar retratar não só a história, mas a forma como ela e todas as outras similares são propagadas. Observando essa divisão, decidiu-se que o conto teria três capítulos.

Quanto às características da narrativa, observa-se a primeira pessoa na tentativa de aproximar o radiodrama das contações sertanejas no modo como elas se dão. Os personagens da história do radiodrama não têm nomes, apenas os personagens do conto apocalíptico. Isso faz o ouvinte reportar-se a outras histórias, como se a estrutura em como elas se manifestam estivesse presente em mais “causos”, tendo em vista que o objetivo do trabalho era contar a história e reproduzir o ambiente real em que ela se expõe.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Fragmentado e perpassado por pequenas tramas que habitam o imaginário popular, o *Conto do Caraca* tem ares de memória familiar, que atravessa gerações e se modifica através do tempo. D. Maria Matos ouvira de seu avô a história de um homem muito ruim, temido por todos que viviam numa cidade serrana do interior do Ceará. Tão grande era a maldade deste homem que seu nome sequer podia ser pronunciado. Ele era conhecido apenas por Caraca. Anos mais tarde, D. Maria ouviu de sua tia as profecias apocalípticas de Frei Vidal da Penha, religioso italiano responsável pela criação de várias cidades do sertão nordestino.

Por conta das coincidências existentes entre os enredos das duas histórias, D. Maria uniu-as, não cronologicamente, como se poderia supor, mas de maneira complementar, e orientou sua vida, em parte, baseada nelas. Ainda jovem, deixou sua cidade natal e veio para Fortaleza, tentando se afastar do túmulo do Caraca. Ela afirma que depois de morto, ele se transformou num dragão de fogo e continua aprisionado em seu túmulo, mas não por muito tempo. Em breve, quando as águas inundarem a capital cearense e as serras se tornarem portos de navios, a criatura irá se libertar e levar terror às pessoas, especialmente mulheres jovens e bonitas, seu alimento preferencial.

Hoje, com mais de 80 anos, D. Maria quer ir embora de Fortaleza para sua casa na Serra de Maranguape, localizada na região norte do Ceará. Lá, ela acredita, vai estar a salvo

do fim dos tempos. Partindo dessa história, narrada para nós pela própria D. Maria, construímos nosso conto.

No capítulo I, intitulado “A previsão de Frei Vidal” são apresentadas as personagens da ainda menina Maria Matos e de sua Avó, que não foi identificada em mais detalhes. É citado ainda o avô de Maria. O ambiente é rural, falando-se em plantação, sertão e seca, recriado sonoramente para situar o ouvinte no lugar onde se passam essas histórias. A narradora do primeiro capítulo é a avó da personagem-elo do conto. Ela apresenta os elementos iniciais da história, relatando como ouviu a primeira menção ao temido Caraca: pelas palavras proféticas de Frei Vidal da Penha.

No decorrer do primeiro capítulo, há uma discussão entre personagens secundários para construir a figura de Frei Vidal. Remete-se à santidade do personagem por meio do milagre que ele teria realizado, ao conjurar borboletas durante uma celebração religiosa. O religioso utiliza aquele que seria seu último sermão antes de voltar para o seu país de origem, a Itália, para alertar sobre os sinais do fim dos tempos, que chegaria para os filhos e netos dos presentes.

O Frei previu que o aumento do nível da água do mar em Fortaleza, ao ponto de chegar aos muros da sua Igreja Sé, que à época do conto ainda não havia sido construída. O religioso, inclusive, deu orientações para que os fiéis enfrentassem essa difícil situação – incontornável por ser vontade divina –, avisando as suas famílias e subindo para as serras, a fim de evitar a inundação.

É durante esse sermão que o personagem Caraca é mencionado pela primeira vez. O Frei prevê o nascimento de um homem extremamente cruel, que, depois de morto, atormentaria a população na forma de um dragão de fogo. O perfil do homem-criatura, no entanto, só será detalhado no capítulo seguinte, de nome “O Caraca”.

O segundo capítulo é narrado pelo Avô de Maria, que fora personagem da lenda. Ele havia sido adotado após a morte do pai, que foi atingido por um raio, pelo casal Libânia e Dadá, irmão do cruel latifundiário Caraca. Como possuía a intenção de ser leve, o humor se fez presente nos momentos mais decisivos do radiodrama, a ver na caracterização das personagens Dadá e Caraca, no seqüestro do corpo do Caraca já morto e na observação do Dragão de Fogo no cemitério de Canindé pelo prefeito.

A lenda do cruel Caraca diz que ele, ao morrer, teve o corpo seqüestrado por escravos, seres místicos na trama, ressentidos com suas atitudes. O cadáver reaparece de modo tão sobrenatural quanto foi levado e é sepultado no cemitério de Canindé, onde estranhos tremores de terra começam a acontecer. Ao observar por um buraco no túmulo,

uma tia de Maria descobre o pior: o Caraca se tornara uma serpente de fogo, com presas enormes e gigantes olhos vermelhos. A profecia de Frei Vidal, então, se cruza com a trajetória do cruel personagem. Era a confirmação que o fim dos tempos se aproximava.

Ainda no segundo capítulo, há uma passagem interessante: a do prefeito proibindo a população de entrar no cemitério de Canindé, cidade do interior cearense conhecida pela intensa relação com a religiosidade. Vê-se, aí, não apenas a confiança nas crendices, mas ainda o paternalismo coronelista comum na política do estado. Há um detalhe importante: ao veicular sua ordem, o prefeito manda chamar o padre. Isso ocorre porque, nessa situação, é preciso legitimar a lei através da ótica religiosa, para que ela se faça valer diante de um povo que crê, sobretudo, no fatalismo religioso.

Finda o *Conto do Caraca* no desfecho da única personagem de convívio do temido coronel do sertão ainda viva, D. Libânia. No capítulo intitulado “A visagem do anjo negro”, Ela, muito doente, é visitada por uma negra, um anjo, que lhe dá instruções para salvá-la do martírio eterno a que seu marido Dadá estava submetido.

O anjo propõe à D. Libânia que doasse todas suas propriedades aos pobres e soltasse os animais que ainda estivessem sob sua custódia. Assim ela fez. É aí que ocorre uma passagem no tempo e vemos a antes ouvinte da história, D. Maria Matos, passar ao patamar de narradora. O ouvinte-personagem é agora a sua própria neta, Anastácia, que se interessa pelo enredo mesmo nos tempos atuais. D. Maria explica para sua neta que D. Libânia havia dado determinada quantia para o Avô para que ele pudesse construir sua família, como ele o fez. O *Conto do Caraca* é encerrado na expectativa de que talvez, com todos os sinais dados, a inundação de Fortaleza realmente ocorra. Espera-se ainda pelo possível aparecimento do Dragão de Fogo e o dia em que Maria, finalmente, irá embora para sua casa na serra.

6 CONSIDERAÇÕES

Resgatar uma narrativa popular em seus entrecruzamentos com a narrativa pessoal e subjetiva de um indivíduo, em quem sobrevive o temor que, por séculos, alimentou os movimentos milenaristas, revelou-se um empreendimento enriquecedor. À medida que o processo de pesquisa, produção e execução avançava, descobria-se mais sobre o papel da cultura popular oral em conservar viva na memória uma historiografia coletiva que dificilmente poderia ser escrita.



O conhecimento não-acadêmico da realidade, inesgotável em sua multiplicidade de produtores, deve ser considerado de forma complementar pela cultura letrada. Conhecer como as representações populares são formuladas fornece apoio para compreender melhor determinados períodos da história humana.

Se se atentar para o fato de o Caraca ser um rico latifundiário, dos personagens sobrenaturais que o punem serem negros e de o prefeito assumir a postura de guardião e protetor da população, encontrar-se-á a expressão da mentalidade de um povo lastimado pelo sistema coronelista que imperava na região àquela época. A lenda nasce nesse contexto, permeada pela crença cristã e sua indissociável relação com a política em centros religiosos cearenses, como Juazeiro do Norte e Canindé.

O resgate da história narrada por dona Maria Matos é também o de um período bastante definidor da feição que o Ceará possui hoje, em termos políticos, sociais e econômicos. Não se pode esquecer que a história de uma pessoa é o retrato de uma época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Educ, 2000.